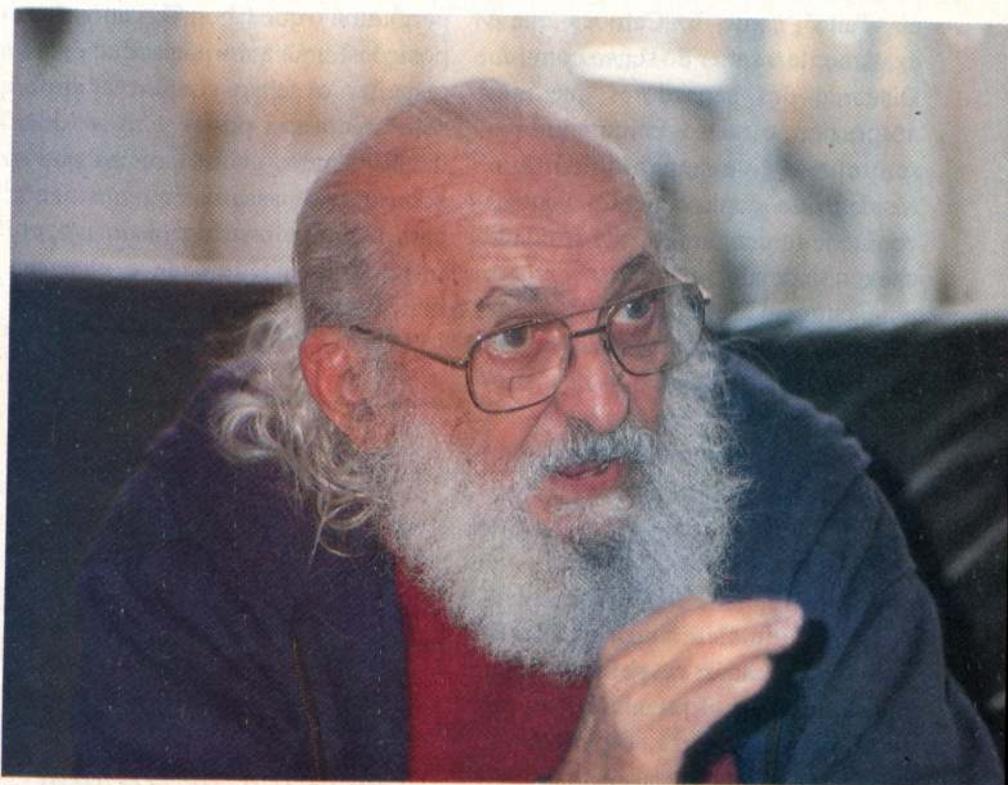


# Crítico, radical e otimista

*Avesso ao neoliberalismo e à chamada "pós-modernidade", Paulo Freire refuta a idéia de uma educação neutra e defende novos caminhos para a formação do professor*

**P**aulo Freire diz que não mudou muito nos últimos 30 anos. "Estou mais é me radicalizando", declara. O pai da "pedagogia do oprimido" reafirma que só pode ser "bom professor" o cidadão que tem clareza política e competência científica, que conhece a história do País e as raízes autoritárias da sociedade brasileira. Paulo Freire recebeu o editor da *Presença Pedagógica*, Neidson Rodrigues, em sua casa, no bairro Sumaré, em São Paulo, para uma conversa de três horas de duração. Bem-humorado, Paulo Freire não perdeu tempo em lembrar seu vasto currículo de militância na educação — que inclui a produção de obras traduzidas em 18 idiomas, o trabalho em diversos países e a concessão de títulos de "doutor honoris causa" por mais de 20 das mais respeitadas universidades do mundo. Preferiu falar do presente e do futuro. Criticou o conformismo intelectual da esquerda e disse que, sem briga, educação e saúde jamais serão prioridades para os governos. A entrevista começou com uma provocação em relação à trajetória de Paulo Freire:



Freire: "O intelectual interfere, o intelectual não se omite".

**NEIDSON RODRIGUES:** O que permaneceu e o que se modificou no homem de ação e no intelectual Paulo Freire, ao longo dos últimos 30 anos?

**PAULO FREIRE:** Tenho medo de, ao responder a essa pergunta, ficar, aparentemente, pouco humilde, porque se eu disser: "Olha, eu venho mais é me radicalizando", parece que a gente fez tantas coisas mais ou

menos boas, há 30 anos, que não achou que devesse mudá-las, apenas radicalizá-las, o que é uma forma de juntar algum tempero novo. Posso traduzir isso num discurso mais claro. Uma coisa que continua em mim, como pessoa e como educador, quer pensando a prática educativa, quer fazendo a prática educativa, é um profundo respeito à figura do educando, ao gosto do educando

## ENTREVISTA PAULO FREIRE

e à formação do educando. Sou tão intransigente com isso que, toda vez que alguém usa a palavra *treinar*, eu crítico e contraponho a palavra *formar*. Continua em mim o respeito intenso à experiência e à identidade cultural dos educandos. Isso implica uma identidade de classe dos educandos. E um grande respeito, também, pelo saber "só de experiências feito", como diz Camões, que é exatamente o saber do senso comum. Discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade do conhecimento científico. De jeito nenhum! A rigorosidade chegou depois. A gente começa com uma curiosidade indiscutível diante do mundo e vai transformando essa curiosidade no que chamo de curiosidade epistemológica. Ao inventar a curiosidade epistemológica, obviamente são inventados métodos rigorosos de aproximação do sujeito ao objeto que ele busca conhecer.

**NR: E como fica a ação educativa? O professor respeita o saber do aluno. Mas o que ele faz a partir dessa posição de respeito?**

PF: Aí é que entra a compreensão democrática da educação, e até diria, antes dela, a compreensão democrática da interferência do intelectual. O intelectual interfere, o intelectual não se omite. A postura democrática difere da postura autoritária apenas porque a intervenção democrática envolve o outro também como sujeito da própria intervenção. Para mim, o que se coloca nesse aspecto não é o que alguns educadores e educadoras brasileiros dos anos 70 afirmavam — e espero

que tenham revisto isso: que eu propunha uma espécie de volta paciente em torno do senso comum. Eu nunca disse isso. Sempre usei o verbo *partir*, que não implica *fixar-se*. Disse que o ponto de partida da prática educativa está, entre outras coisas, no senso comum, mas enquanto ponto de partida, e não ponto de chegada ou ponto de "ficada". Você perguntou o que fazer. Teríamos duas posições: uma autoritária, que é desrespeitar o senso comum e impor sobre ele a sua possível rigorosidade. Para mim, não: é preciso que o educando se assuma ingenuamente para, assumindo-se ingenuamente, ultrapassar a ingenuidade e alcançar maior rigorosidade.

*O professor de  
Matemática deve estar  
tão interessado na  
criticidade do aluno  
quanto o professor de  
Geografia, de História  
ou de Linguagem.*

**NR: Explique como fazer isso na prática. Como um professor de Matemática, de História, de Geografia pode partir da experiência do senso comum do educando e conduzi-lo para uma formação mais rigorosa. De outro lado, que objetivo tem essa formação?**

PF: Toda prática formativa tem como objetivo ir mais além de onde se está. É exatamente essa a possibilidade que a prática educativa tem: a de mover-se até. É isso que a gente chama de diretividade da educação. E essa diretividade — que faz parte da natureza do ser da educação — não permite que ela seja neutra.

**NR: Você, então, não admite a educação não-diretiva?**

PF: Não, não admito. Mas há uma diferença entre diretividade e espontaneísmo. Eu não sou espontaneísta, mas sou diretivo. Sendo diretivo, porém, não significa que eu manipule o educando. Sou diretivo na medida em que tenho um sonho, em que tenho uma utopia. E, se tenho um sonho, uma utopia, devo lutar por esse sonho. Você já imaginou um professor que pouco se interessa, diante de sua classe, com o sonho de uma sociedade menos injusta, e nada faz pela criação de uma sociedade menos injusta só porque o que ele ensina é a Biologia, como se fosse possível ensinar Biologia, o fenômeno vital, sem considerar o social?

**NR: Fale um pouco mais sobre essa relação, porque, com muita frequência, os professores dizem mais ou menos assim: "O ensino da formação crítica é com o professor de História." O professor de Matemática, por exemplo, se julga o professor de uma ciência pura, que pouco tem a ver com as questões sociais ou políticas...**

PF: Isso é um absurdo! Em primeiro lugar, para mim, isso não existe. O professor de Matemática deve estar tão interessado na criticidade

## ENTREVISTA PAULO FREIRE

do aluno quanto o professor de Geografia, de História ou de Linguagem. Veja, por exemplo, o problema da linguagem. A linguagem não pode ser sonhada, pensada, estudada, refletida fora da ideologia. Quando fui secretário da Educação em São Paulo, discuti, entre outras coisas, o problema da sintaxe da classe trabalhadora e da nossa sintaxe. As pessoas me interpretaram erroneamente, não porque eu não fosse claro. Hoje, estou convencido de que a interpretação errada era mais um obstáculo ideológico do que um obstáculo de entendimento, ou do que um obstáculo epistemológico. Era ideológico... Eu dizia, por exemplo, que o menino ouve, em casa, o pai dizer "a gente chegamos", ouve o pai dizer "menas", ouve a mãe dizer "menas", "a gente fomos", e ele diz também. A vizinhança toda, que é uma classe social, diz "a gente fomos". Mas, quando ele escreve, na escola, "a gente fomos", leva zero e um lápis vermelho embaixo, inibindo-o mais ainda. O aprendizado desse menino está sendo obstaculizado por um problema estritamente ideológico com o nome de gramática. Dizem que isso é um problema de sintaxe, mas na realidade é ideológico.

**NR: E qual é a saída, nesse caso?**

**PF:** Aqui entra o "a partir de" de que eu falava. O menino proletário, o menino camponês tem que, em primeiro lugar, assumir a legitimidade da sua linguagem, do seu discurso, contra o qual há toda uma barreira de classe, e essa é a tarefa do educador e da educadora. Em segundo lugar, ele tem que assumir — uso muito o termo *assumir*, porque

entendo que é assunção mesmo — a boniteza da sua linguagem. E até vou mais longe e digo: ele tem que assumir a própria gramática que está por trás do seu discurso. Não há discurso sem gramática. O que você não pode é exigir que um gramático burguês descubra a gramática do discurso do povo. Ele não vai descobrir nunca. Mas, que há uma gramática no "a gente fomos", há. É a mesma coisa que o inglês diz: "people are" e não "people is". Como fazer isso? É preciso que o professor sugira, concretamente, na prática docente, o respeito que tem pela linguagem do menino.

*Os liberais anunciam  
a morte da história sem  
que os homens e as  
mulheres tenham  
morrido (...) E dizem  
que todo mundo se  
tornou igual.*

**NR: Mas, com isso, o professor não acaba por entrar em conflito com a família, com a sociedade e com a expectativa do sistema?**

**PF:** Do sistema social sim, pois é um sistema capitalista, reacionário. Da família proletária, não. Mas deixe que eu termine meu pensamento, antes que digam: "Está vendo? O

Paulo Freire quer que os operários meninos continuem a vida toda dizendo 'a gente fomos'." Eu nunca disse nem escrevi isso. O que disse é que, em primeiro lugar, preciso revelar concretamente, testemunhalmente, que respeito o "a gente chegamos". Em segundo lugar, preciso revelar que "a gente chegamos" é tão bonito quanto "a gente chegou". Não o é possivelmente para os meus ouvidos, mas o é para os ouvidos do povo. Os ouvidos do povo ouvem outra coisa e não a minha fala. Em terceiro lugar, eu preciso, agora, sugerir ao menino operário que lute para aprender — tendo antes apreendido a função da linguagem — a sintaxe dominante, para melhor brigar contra o dominante. É isso que eu proponho. E não há problema para se fazer isso. Se as professoras e os professores fossem menos elitistas, se tivessem uma formação ideológica menos elitista e mais próxima dos interesses populares, poderiam, com facilidade, ensinar a sintaxe dominante. Não estou propondo que não se ensine a sintaxe dominante. Proponho que o ensino da sintaxe dominante parta do reconhecimento da validade da sintaxe popular.

**NR: É isso que você invoca como tomada de consciência? O menino toma consciência de sua linguagem e, ao tomar consciência de sua linguagem, toma consciência da linguagem do outro, e pode, portanto, se colocar nessa relação? Este é o caminho da formação da consciência?**

**PF:** Exato. Mas não basta o trabalho com a linguagem. Você já ima-

## ENTREVISTA PAULO FREIRE

ginou a formação de uma consciência crítica, política, legítima, aberta, que é testemunhada pelo geógrafo, pelo biólogo e pelo matemático que dão aula também assim? Quer dizer, o menino conviveria com um corpo docente que não se acha proprietário do saber, mas produtor do saber, reproduzidor do saber e proponente da criação do saber por parte dos meninos. É outra coisa, entende? E, então, por que se gritou tanto contra mim? Por questões de classe, por questões ideológicas.

**NR:** Mas agora vamos à segunda parte da pergunta inicial: o que mudou no Paulo Freire?

**PF:** O que vem se aprofundando em Paulo Freire é uma maior radicalidade com relação às suas opções políticas e ideológicas; possivelmente, uma maior clareza diante do que chamo de leitura do mundo, mas nunca numa posição sectária. Hoje eu me sinto bem tolerante... Para mim, tolerância não é convívio. Eu não posso poluir meu sonho político, minha utopia, fazendo uma dialogicidade rigorosa, profunda com os neoliberais, mas também não posso, sectariamente, me fechar a uma conversa com um neoliberal. O que não posso é fazer acordo com ele.

**NR:** Então permanece em você o mesmo Paulo Freire crítico, mas o interlocutor da crítica mudou. Na década de 60, os progressistas não acreditavam no Estado porque o Estado era visto como comitê da burguesia. Hoje, é a própria burguesia que lança o Estado ao descrédito. Como você vê isso?

**PF:** Hoje sou um homem radical-

mente crítico do discurso neoliberal, e que se alonga em pós-moderno. Para mim, a pós-modernidade é reacionária ou progressista. Não acredito numa pós-modernidade como específica, exclusiva, ela mesma gritando "sou a pós-modernidade". O discurso liberal tem uma lógica de classe fantástica. Ele nega as classes, como se a história pudesse, de

*O industrial  
não aceita que,  
na educação que  
paga para o operário,  
haja qualquer  
possibilidade de  
críticas ao sistema  
capitalista.*

uma vez, acabar com a chamada continuidade de si mesma. Uma das características que faz a história ser a história é que ela tem continuidade, é que ela tem historicidade. Quer dizer, a história marcha, continua, a história é devir, não uma entidade sobre nós. Os liberais chegam e anunciam a morte da história, sem que os homens e as mulheres tenham morrido. Os liberais dizem que todo mundo se tornou igual. Então, uma das tragicidades do intelectual do terceiro mundo, como nós, é que damos aulas de pós-modernidade e convivemos com 30 milhões de miserá-

veis, no Brasil, que não chegaram sequer à modernidade, não passaram da tradicionalidade, da consciência mágica que eu chamei de intransitiva... Então, eu nego a validade desse discurso.

**NR:** Todas as propostas políticas para o futuro do Brasil dizem que a educação é prioritária. Os educadores progressistas e as propostas políticas progressistas dizem que a educação é fundamental. Os empresários também exigem educação para todos e estão empenhados inclusive com projetos bastante dispendiosos, em dar escola a seus funcionários. De repente, todos falam a mesma coisa. Qual é a diferença?

**PF:** Tenho falado muito, há muito tempo, que não há educação sem leitura de mundo e sem leitura de texto. Você sabe qual é o limite dos industriais, hoje? Leitura de texto, mas não leitura de mundo. O que quero dizer com isso? Quero dizer que o industrial aceita, bate palma e paga para o operário ser bem comportado, para o operário viver feliz. E viver feliz, para o industrial, é adaptar-se à realidade que está aí, mas não transformá-la. O que o industrial não pode aceitar é que, na educação que paga para o operário, haja qualquer possibilidade de criticar o sistema capitalista.

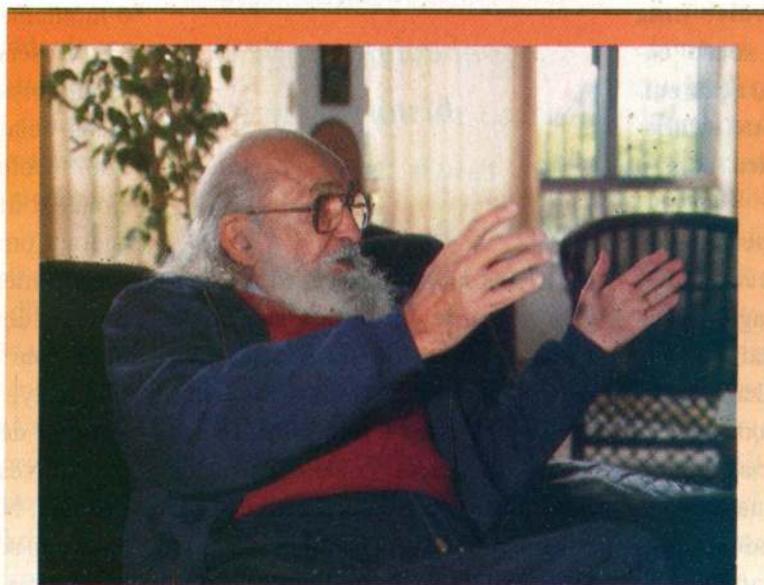
**NR:** Mas o industrial também tem consciência da rapidez com que se operam as mudanças nos processos produtivos e quer que o trabalhador saiba acompanhar essas mudanças...

**PF:** Olha, estive recentemente nu-

## ENTREVISTA PAULO FREIRE

ma conferência na Espanha e um notável "pós-moderno" espanhol, professor na Califórnia, comentou que minhas propostas dos anos 70 eram mais atuais agora que antes. Concorde, mas por outras razões. A criticidade a que ele se referia, a criticidade necessária ao neoliberalismo, é uma criticidade vesga, que vai ao encontro da presteza, da resposta imediata e segura, mas sempre em favor da verdade do opressor. Quer um exemplo? Com o avanço das comunicações e com a globalização da economia, uma multinacional transfere a fabricação de um certo produto de São Paulo para Hong Kong em 15 dias. E a greve que estava se pensando em fazer aqui se esvazia, e a vulnerabilidade da classe trabalhadora a faz mais fraca. Concorde com tudo isso. Do que discordo? É que os analistas — e muitos deles eram, antes, progressistas — caem numa postura fatalista, de que não há salvação, de que a vida tem que ser assim mesmo, porque o máximo que o neoliberalismo vai fazer é amaciar um pouco a fome dos 30 milhões de miseráveis do Brasil. Eu não aceito isso. Não posso compreender que o homem e a mulher, que inventaram a existência, a linguagem e a tecnologia, façam da tecnologia um instrumento de morte de si próprios. Isso me faz lembrar "Rinoceronte", uma peça fantástica de Ionesco. O

personagem principal, Berégère, insiste, durante toda a peça, em lutar contra a transformação de cada um de seus companheiros e companheiras em rinoceronte. Na última noite de sua luta, quando todos já haviam se transformado em rinocerontes, Berégère vai para a frente do palco e, de braços abertos, grita: "Ma carabine, ma carabine, lutarei contra o mundo inteiro. Eu restarei homem e não rinoceronte." Acho que, para con-



Freire: "A mudança é provocada pela luta histórica".

trapor ao discurso neoliberal da desistência de ser, teríamos que reencontrar Berégère e gritar: "Sou homem e, porque sou homem, não aceito minha transformação em puro objeto." E o neoliberalismo estaria fadado a morrer de frio antes de uma década.

**NR: Falemos um pouco, agora, da educação brasileira. O que mudou na escola e nas propostas dos educadores nos últimos anos?**

**PF:** Nos anos 60, tive nos anos aquela febre de que a educação resolveria tudo, que faria a revolução, etc. Nos anos 70, com as teorias de Althusser sobretudo, mas não só dele, veio aquela visão radicalíssima de que a educação era apenas a reprodução da ideologia dominante. Caiu-se, então, na América Latina principalmente, numa espécie de desânimo pedagógico, numa desistência. Eu até faria uma exceção para o Brasil. Um dos raros educadores brasileiros que continuou a afirmar o papel transformador da escola foi o Celso Vaz. Agora, a gente descobriu, finalmente, que, se a educação reproduz, ela não faz só reprodução. Essa é outra tarefa do educador progressista que não se converteu ao discurso neoliberal: desmitologizar a reprodução.

**NR: O nosso professor de escola fundamental está sendo formado para exercer essa**

**essa tarefa transformadora, de ajudar a consciência do educando a se elevar para uma competência crítica face às transformações que se operam no mundo moderno?**

**PF:** Acho que isso deveria ser tarefa dos sindicatos progressistas, dos professores e dos órgãos de classe. Marx afirmou, certa vez, que a educação do trabalhador feita pelo patrão é, indiscutivelmente, a reprodução do operário em si mesmo. Evidentemente, não se pode esperar que

## ENTREVISTA PAULO FREIRE

o padrão desenvolva uma pedagogia para libertar o operário. E nem que o Estado, como uma totalidade, adira a essa postura, porque essa é uma questão política e, portanto, ideológica. Teríamos que ter governos progressistas...

**NR: Mas existe a idéia de que o educador não precisa ser um educador de consciência crítica. Basta que ele seja um educador, pois, à medida que se desenvolve uma pedagogia a partir do senso comum, a própria incorporação cultural permite ao indivíduo estabelecer uma relação crítica com o mundo.**

**PF:** Este é o trabalho pedagógico na perspectiva dos conteúdos... Os professores, às vezes, magicizam a força do conteúdo e acreditam que o educando se conscientiza à medida que engole as informações discutidas em sala e em páginas e mais páginas de livros. Acho que isso não acontece. E, como educadores progressistas, teríamos de lutar para que a formação do professor do ensino fundamental e do ensino médio tivesse outros caminhos. Como é possível a formação de um educador sem uma excelente base de linguagem — não digo língua, porque a linguagem é bem mais que isso — e sem uma excelente base do discurso? E sem o conhecimento de História? Como você pode ser um bom educador, se não tem noção da história do seu país, da história da sua cultura, se nunca teve informações sobre as raízes autoritárias do país?

*Como é possível a formação de um educador sem uma excelente base de linguagem e sem uma excelente base do discurso? E sem o conhecimento de história?*

**NR: Mas na sua concepção, e isso está presente em toda a sua obra, a formação se dá na prática. No entanto, os professores estão nas escolas há anos e não adquiriram essa consciência. Qual é a prática que pode ser transformada em consciência e em conhecimento? Que experiência pode ser transformada em móvel de ação?**

**PF:** Vou dar um exemplo. Imagine-se o diretor de uma escola de formação de profissionais para o magistério, que tenha três ou quatro bons professores, ou boas professoras, e que disponha de equipamento de vídeo. Aí, pode-se escolher uma escola de periferia, ir até lá e dizer para a diretora: "Olha, somos professores formadores de professores jovens e vimos aqui para discutir uma idéia com a senhora e, em seguida, com os professores da sua escola. A gente ensina isso, isso e

isso, e pensou em conseguir a contribuição da senhora e de duas ou três professoras, para que fizéssemos pequenos vídeos em sala de aula." Além disso, pode-se fazer um vídeo sobre a região e o bairro onde a escola está situada. Por este meio simples, é possível trazer um pedaço da periferia para dentro da escola. Ao exibir cada vídeo na sala de aula, pode-se destacar a ação da professora: "Vamos repetir exatamente o momento em que a professora falou. Observem o jeito como ela disse tal coisa, a cara, a fisionomia, as mãos dela, etc. Prestem atenção a isso." Colocaria de novo para funcionar e diria: "Vamos discutir isso agora. Começamos do senso comum: o que entendemos que se devia fazer em uma situação como essa?" Creio que assim se pode introduzir Vygotsky, Piaget, fulano, beltrano, sicrano, de modo muito melhor do que através de aulas sobre Vygotsky e Piaget. Não é que não se possa dar uma aula sobre Vygotsky. Mas é preciso garantir a inter-relação das formas com que você discute Vygotsky. Uma coisa é você discutir Vygotsky lá mesmo, através do acerto ou do erro da professora, e outra é ler um texto dele. Imagine, agora, o que poderia ser uma escola como essa com a orientação de universidades próximas, com pesquisadores de Linguística, de Matemática... O que os etnomatemáticos e etnofísicos da Unicamp estão fazendo? Ensinando cálculo matemático a partir da vivência de empinar papagaio. É extraordinário. Isso é respeitar o senso comum e superá-lo.

## ENTREVISTA PAULO FREIRE

**NR: Chegar à ciência a partir do senso comum...**

**PF:** Lógico, e foi exatamente assim que a humanidade fez. Nenhuma sociedade do mundo começou do cientista.

**NR:** Isso permitiria unir a rigidez da ciência com a leveza do saber, me parece. Mas falemos um pouco mais dessa leveza. Em um de seus textos, você diz que a escola e a educação devem ser uma coisa leve. Mas a atividade do magistério, hoje, representa um peso, com o problema do salário, as pressões sociais... Como a escola e a atividade pedagógica podem ser leves?

**PF:** Para ser leve, ela tem que brigar pesado contra as discriminações que sofre. Uma escola leve é uma escola que briga para ser alegre, mas que sabe que não é possível ser alegre se os professores são desprestigiados a partir do seu próprio salário. Eu não tenho a menor dúvida de que será preciso que, um dia, toda a sociedade brasileira resolva brigar contra o poder público deste país, em todos os níveis. Somos coloniais, e não se vê experiência colonial em que o educador seja respeitado.

**NR:** É curioso: o aumento da consciência política do brasileiro se evidencia, hoje, nas lutas pelos direitos humanos, pelos direitos do consumidor, das minorias, das mulheres. Por que não cresceu a consciência em relação à educação?

**PF:** Acho que cresceu também.

Não tanto quanto a gente gostaria, mas cresceu. Sou otimista, mas mudança — e aqui vou usar um termo de que não gosto muito — não é gratuita. A mudança não cai do céu. É provocada pela luta. E, quando digo luta, é luta histórica.

*O ensino tradicional insiste na transferência de conhecimento (...) Mas no fundo a gente só memoriza as coisas que sabe. Antes de memorizar, a gente apreende o objeto.*

**NR:** Mas, quando se fala em luta social pelo direito à educação, ela cai numa abstração. Os pais julgam que os professores têm obrigação de estar na sala de aula, independentemente das condições materiais deles e das escolas.

**PF:** Foi por isso que escrevi *Professora sim, tia não*. Exatamente para mostrar que a professora é um profissional como os demais. Como 20 mil "tias" vão fazer greve, atrapalhando a vida dos sobrinhos? Não é isso. A professora precisa ser profissional, precisa trabalhar profissionalmente, formar-se, ser cientificamente competente, ter posições políticas claras. A formação científica da professora "dá com os burros n'água" jse ela não tiver uma opção, uma clareza política.

**NR:** Queria que você falasse, agora, da questão do esquecimento do aprendizado, que culmina, inclusive, no chamado analfabetismo funcional. Segundo uma teoria psicanalítica, as pessoas esquecem tudo o que não é de seu interesse. Essa é uma dimensão do esquecimento, quem sabe, de grupos inteiros que, em algum momento, foram alfabetizados e perderam a capacidade de leitura. Esse é um problema apenas psicológico ou é, também, da natureza incompleta ou inadequada do aprendizado? Ou é um problema político, isto é, o esquecimento ocorre porque o aprendido não importa àquele que o recebeu? Como você analisa isso?

**PF:** A análise dessa questão deve ser, tanto quanto possível, global. Uma das perguntas fundamentais que um investigador teria de fazer seria a seguinte: a comunidade "Y" de que se fala precisava mesmo da alfabetização? Se você se encontra numa cultura chamada iletrada, cuja memória é, talvez, nem preponderante, mas totalmente oral, a escrita inexistente como necessidade. Mas, se a comunidade precisava ler e foi inserida numa experiência em que a necessidade da leitura se colocou, por que não aprendeu? Aí temos que ir para outras indagações, a epistemológica, por exemplo. Em 1960, eu disse que a alfabetização é um marco criador e não memorizador. Não é possível que o alfabetizando apreenda o mecanismo de sua língua por pura memorização. No fundo, a gente memoriza as coisas que sabe e é por isso que, antes de me-

## ENTREVISTA PAULO FREIRE

morizar, a gente apreende o objeto. Essa é uma das minhas brigas com relação ao ensino tradicional, que insiste na transferência do conhecimento. Como é que você alfabetizou? Como ajudou a pessoa a se alfabetizar? É preciso compreender o processo de produção da linguagem. A compreensão de como se produz a linguagem socialmente tem relação com a compreensão de como se ensina a linguagem. Isso tem muito a ver com as pesquisas mais recentes da Emília Ferrero. No meu último livro *Cartas à Cristina*, citei a luta que enfrentei nos anos 50, quando trabalhava no SESI. Tínhamos escolas primárias e os pais dos alunos viviam exigindo que a gente desse, para seus filhos aprenderem a ler e a escrever, a chamada "Carta do ABC" — uma cartilha adotada por várias gerações, naquela comunidade. Os pais tiravam os filhos da escola porque não dávamos a tal cartilha e porque não batíamos nos alunos. Até que uma noite, depois de um estalo, eu perguntei a eles, durante uma reunião, se algum deles tinha visto o filho começar a falar dizendo letra: "ême", "éle", "ypsilon"... Lembrei que os meninos comecem dizendo "papá", "mamã". E que os especialistas chamam isto de frases monopolábicas, isto é, que têm uma só palavra. O ser humano começa a falar com sentenças e não com letras. Esse foi o único argumento — que já não era senso comum, mas não era ainda uma explicação muito rigorosa — que os pais aceitaram.

**NR: Mas, num primeiro momento, o senhor disse que precisamos respeitar o senso comum e, agora, que eu tenho que lutar contra o senso comum...**

PF: Quando digo respeitar, não

significa não lutar contra. Você respeita o seu inimigo, mas luta contra ele. Desrespeitar o senso comum significa não compreender sequer que ele existe.

*Os professores  
precisam continuar  
brigando, e muito.  
É preciso que a opinião  
pública entenda o  
direito e até o dever  
que os professores  
têm de lutar.*

**NR: Paulo, para fechar essa conversa com os nossos professores, diga-nos: o que o deixa mais contente e mais triste no Brasil de hoje?**

PF: O que me deixa mais contente é que, apesar de tudo, dos escândalos terríveis, da falta de ética na vida brasileira, sinto que a gente tem mudado, tem andado. E, respeitando muito rigorosamente o ponto de vista partidário dos que me lerão, não tenho dúvida de dizer, como alguém que pensa seu próprio país, que o Partido dos Trabalhadores, nesses seus 12 ou 14 anos de existência, tem sido um enorme fator de progresso. Não importa que não ganhou as eleições. Importa é perceber que a presença do PT levou a direita à escolha de um homem menos direitista para a Presidência da República. O professor Fernando Henrique não foi candidato porque a direita quis. Foi porque precisou. A direita nomeou Fernando Cardoso seu limite.

**NR: Que recado você mandaria aos dirigentes políticos do país, aos educadores que trabalham na formação de professores, nas universidades, e aos professores que estão nas escolas, nas mais diferentes regiões brasileiras?**

PF: Eu deveria mandar três recados, mas vou ver se mando um só. Acho que era preciso que homens e mulheres que fazem política neste país comessem a compreender, de forma diferente, a expressão "educação é minha prioridade". Não há prioridade que não se expresse em verbas. Não adianta o discurso da prioridade, para, no ano seguinte, dizer: "É prioridade, mas, lamentavelmente, não tenho dinheiro." É preciso que este país alcance o nível em que isso não possa mais ser dito. Mas, para que isso nunca mais possa ser dito, é preciso que os professores não aceitem que se diga isso. Quer dizer, os professores precisam continuar brigando, e muito. É preciso, também, que a opinião pública entenda o direito e até o dever que os professores têm de lutar. Acho que eles têm até mais dever do que direito de lutar, ou têm tanto um quanto o outro. Finalmente, é preciso que decidamos, como um concerto da nação inteira, que é fundamental que a educação e a saúde sejam prioridades. Sem briga, não vão ser nunca. É preciso que haja luta, que haja protesto, que haja exigência e que os responsáveis, de maneira direta ou indireta, pela tarefa de formar entendam que formação é permanente. Não existe formação momentânea, formação do começo, formação do fim de carreira. Nada disso. Formação é uma experiência permanente, que não pára nunca.